

Uma professora e pesquisadora exemplar

Francisco José Alves dos Santos *

A onda de aposentadorias de professores que varreu a Universidade Federal de Sergipe é um fato rico em desdobramentos. Em primeiro lugar, tal dado pode significar uma oportunidade privilegiada de renovação em termos de atualização teórica e de qualificação, pela introdução de novo pessoal docente. Novas cabeças, novas idéias. Fomento de transformação. Isto é natural: muitos dos professores que ora se aposentam não tiveram a oportunidade de realizar cursos de pós-graduação e, desta forma, se atualizaram teórica e metodologicamente. É claro que há exceções. Alguns, com grande esforço pessoal, deslocaram-se para outros centros a fim de se qualificar. Outros optaram pelo auto-didatismo.

Em menor escala a aposentadoria massiva implicou também em algumas perdas consideráveis. Fomos privados, neste momento, de professores como Beatriz Góis Dantas, emérita pesquisadora das coisas das terras sergipanas. Nossa Universidade ficou mais pobre com o seu afastamento.

Durante décadas, Beatriz Dantas formou professores, despertou vocações, conseguiu a façanha de ser uma unanimidade entre os discentes e o reconhecimento entre os seus pares.

Modelo de mestra, trazia como marca dos seus cursos a profundidade, o amor ao conhecimento, à disciplina e a justiça. Num contexto marcado pela mediocridade, desinteresse; pelo autoritarismo ou o populismo pedagógico, Beatriz Dantas se elevava sobre este pântano, discreta, com sua reserva e seu pudor quase monástico.

Necessário faz-se ressaltar a importância desta "avis rara" na formação dos alunos dos cursos de licenciatura da UFS, principalmente dos de História. Em denodado esforço, lutava contra os preconceitos sobre negros e índios, desmontava estereótipos negativos sobre minorias como as mulheres, os pobres. Em suma, tirava a venda do etnocentrismo introduzindo as luzes de um sadio relativismo cultural. Como boa antropóloga, seus cursos faziam o aluno pensar, desestabilizando preconceitos, abrindo os olhos, os ouvidos e o coração para a realidade do "outro" na sua irreduzível diferença cultural.

Não tenho dúvidas se hoje temos um professorado de 1º e 2º graus menos preconceituoso, o fato se deve a atuação da professora Beatriz Dantas com seu persistente e equilibrado trabalho em sala de aula, em palestras, em seminários.

Beatriz Dantas é alguém que não pode ser esquecida na história da pesquisa social realizada na UFS. Ela demonstrava concretamente o quanto é falacioso o surrado argumento de que "não se pesquisa por falta de verbas". Ao longo de sua carreira universitária realizou muitas pesquisas que resultaram em livros, artigos e comunicações. Ao contrário daqueles que se refugiavam nas desculpas para legitimar a preguiça, Beatriz Dantas arregaçava as mangas e entregava-se, de corpo e alma, à pesquisa. Ela demonstrava, cabalmente, o quanto uma instituição do saber necessita de tesão pelo conhecimento, que verbas são necessárias mas não suficientes para fazer uma Universidade produtiva.

O amor à pesquisa é, na professora Beatriz Dantas, algo contagiante. Sou daqueles por ela contagiado. Ainda graduando de História fui iniciado na pesquisa pelas mãos seguras da professora. Enquanto muitos docentes mistificavam a Produção Científica, mostrando-a como "algo do outro mundo" e só para os "sábios", ela mostrava os meandros da construção do saber com simplicidade, inculcân-

do auto-confiança no neófito. Beatriz Dantas lançou sementes em muitos discentes que pela UFS passaram. Graças a ela alguns optaram pelo (castigado) ofício do magistério superior.

O conjunto das pesquisas de Beatriz Dantas representa um dos maiores esforços de compreensão da formação social sergipana. Amplo tem sido o leque das suas preocupações investigativas. Do índio ao folclore, passando pelo artesanato e a cultura afro-sergipana, a pesquisadora tem buscado traçar o perfil da nossa identidade cultural. Aqui vale marcar uma diferença. Beatriz Dantas não cai no rol daqueles que, prisioneiros de um paroquialismo acrítico, vêem nossa sociedade de forma paradisíaca, do tipo "nossa terra é a melhor do mundo". Não. Ela demonta a nossa lógica cultural munida de seguros referenciais teóricos, sobretudo Antônio Gramsci e Claude Lévi-Strauss. Do primeiro, Beatriz Dantas retira a sensibilidade para a relação entre cultura e estrutura de classe e do pai do estruturalismo, a exata percepção da importância da razão simbólica. Desta contaminação nasce uma antropologia, de um lado livre do formalismo estruturalizante e de outro, solta da peia do determinismo econômico: uma boa síntese entre cultura e razão prática.

Grande parte da produção intelectual da pesquisadora encontra-se publicada em revistas científicas do eixo Rio-São Paulo. E, portanto, são de relativa dificuldade de acesso para o

publico local. Caberia à FUNDESC, guardiã por lei da nossa produção cultural, reunir e publicar este corpus de valor considerável. E não se alegue a proverbial falta de verbas, visto que "virá e mexe" a FUNDESC tira do prelo textos de duvidoso valor. Quem duvidar, vide seu catálogo...

Mais uma palavra sobre a personalidade da mestra e o seu lugar no campo da inteligência da terra. Beatriz Dantas é mais conhecida e reconhecida entre os membros da comunidade científica nacional que em Sergipe. O fato é explicável: avessa a "auto-incensação" comum entre muitos da inteligência da terra e marcada por um caráter reservado, quase tímido, Beatriz Dantas destoa dos seus pares. Ao invés de "badalar" prefere o trabalho discreto sem o estardalhaço da publicidade inócua. Ela sabe: a obra é o que fica. É preciso que o autor saia do primeiro plano para que a obra apareça. Nisto também a professora é uma figura dissonante. O comum, por aqui, é o autor sobrepor-se à obra ou mesmo constituir-se sem ela. Coisas da terra!

Estas linhas sobre a professora Beatriz Dantas lembram um sábio da literatura mundial, perfilando o verdadeiro mestre. Escreveu ele: "mestre não é quem ensina fatos isolados ou quem se aplica à tarefa nemônica de aprendê-los e repeti-los, porque neste caso, uma enciclopédia seria melhor mestre que um homem. Mestre é quem ensina com o exemplo uma maneira de tratar as coisas, um estilo genérico de enfrentar o vário e incensante universo".

Que os deuses concedam à nossa mestra longos anos para que possa concluir a sua obra.

Continue, professora Beatriz, enriquecendo a nossa terra na aventura do saber científico.

* Mestre em Antropologia pela UNB e professor do Departamento de Filosofia e História da UFS.